

A Maria Alice vive connosco há trinta e nove anos

CALVÁRIO

A Família, hoje!

NA casa repleta todos O escutam. Rompendo a multidão alguém vem dizer-Lhe que lá fora estão Sua mãe e Seus irmãos. Sem menosprezar os seus, Jesus responde com uma pergunta:

— *Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? Todo aquele que faz a vontade ao Pai é que é minha mãe e meus irmãos.*

Veio-me ao pensamento esta cena evangélica quando hoje um grupo de pessoas apareceu a perguntar pela Maria Alice.

A Maria Alice vive connosco há trinta e nove anos. Veio com a mãe. Esta, com neoplasia gástrica em fase adiantada, sucumbiu duas semanas depois de chegar, deixando-nos a filha com seis anos, cega e completamente desnutrida.

Pois, hoje, apresentaram-se aqui uns familiares muito próximos. E a pequena ficou atónita, perplexa. Sabia lá que tinha família, depois de tantos anos! Afinal possui família e muito chegada, mas por tanto tempo ausente. Quase a gaguejar perguntou-lhes:

— *Agora é que se lembram de mim? A minha casa é esta. A minha família são estes com quem vivo e que me acolheram e estimam. Sinto-me bem no meio deles.*

Os visitantes entopem e pedem desculpa pelo esquecimento.

A resposta da Alice é evangélica. A resposta que a sociedade lhe vai dando nem sempre o é. O conceito de família está hoje em diluição. Quando a família de sempre se demite, a natureza, o ser humano, reclama instintivamente algo que a substitua. Os diversos grupos que se formam entre os jovens e mesmo entre os adultos são sinal disso mesmo. Procura-se noutro lugar o que não se tem em casa. Nem sempre estes grupos são duradouros, porque a força que os une não é autêntica mas apenas circunstancial.

A chave para a família verdadeira, com raízes profundas, capazes de enfrentar os ventos do tempo é e só o amor, com doação e entrega. Por isso quando ele está ausente a família desagrega-se. Mas se ele é verdadeiro a família permanece.

Entre nós é o amor desinteressado, empenhado, que une os doentes e os faz gostarem uns dos outros, de serem família realmente. É a doação mútua, contínua e sincera que reina entre eles.

Hoje, felizmente, existem Instituições a funcionar como Lares de verdadeiras famílias. No entanto, muitos deles são atacados pela burocracia, pelos técnicos, pelas estruturas de governação. Estas julgam e decidem qual deve ser o melhor lugar para os jovens, para as crianças, que seus familiares ou não, são o suporte adequado. E para eles arranjam famílias de substituição que a troco de uns tostões os acolhem nem sempre com o carácter de permanência. Sucede mesmo que os jovens andam em experiências familiares não adquirindo a estabilidade necessária ao seu crescimento natural. São medidas a prazo. Ora, o amor não tem prazos nem põe condições. É de sempre e para sempre.

Os técnicos raramente procuram caminhar pelo critério do essencial. Fazem os seus juízos de avaliação numa lógica de interesses, tantas vezes apenas material, de satisfação de gostos, de arrumo social. O critério verdadeiro não é tido em conta.

A Maria Alice encontra-se em sua casa, na sua família porque sabe que é estimada como filha e irmã de quem a recebeu.

Padre Baptista

A Pastoral do pão

«Naquele tempo estava Jesus a falar às multidões sobre o Reino de Deus e a curar aqueles que precisavam.

O dia começa a declinar. Então, os Doze aproximaram-se e disseram-Lhe: — Manda embora a multidão para ir procurar alojamento e provisões às aldeias e casais da vizinhança, pois, aqui, estamos num local deserto.

Disse-lhes Jesus: — Dai-lhes vós de comer.»

COM este texto de S. Lucas (9/11b-17) — poderiam ser seus paralelos nos outros três Evangelistas — celebrámos, há dias, a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, «o Pão da Vida que desceu do Céu» para que «os homens tenham vida e a tenham em abundância».

É um texto-fundamento da «pastoral do pão», que a Igreja escolheu, justamente, para uma celebração eminentemente Eucarística, mas certas espiritualidades desencarnadas relegam para a periferia, se simplesmente a não excluem da Pastoral da Igreja-Mãe.

E, estranhamente, onde, nos últimos anos, mais nos temos chocado com esta subestima, é em países onde a fome e a doença dizimam multidões e falta a sensibilidade ao primado do pão como caminho para o Evangelho, o que levou Pai Américo a afirmar: «Não se pode pregar a estômagos vazios. Primeiro pão, novamente pão; e outra vez pão... — e depois, sim, o Evangelho».

Com esta subestima se têm confrontado nossos padres em África, nomeadamente em Angola onde estatisticamente abundam ditas vocações sacerdotais e religiosas — e

dez anos depois do seu regresso à missão, ainda não conseguiram o dom almejado de um companheiro de luta, de um futuro continuador que desde já se exercite na figura do «bom samaritano» para levantar o homem caído pela ausência dos bens elementares para sustentação e desenvolvimento da sua humanidade.

Será que «dar de comer a quem tem fome», «vestir os nus», «procurar habitação para os que a não têm», «escolarizar os ignorantes», «tratar dos doentes», «assistir os presos», «sepultar os mortos» — é pastoral de segunda ou nem sequer é pastoral?!

Mas então as Obras de misericórdia serão mera literatura?! E o Juízo Final, segundo S. Mateus, capítulo 25, será palavra vã?! Graças a Deus, a prática bi-milenar da Igreja consagra a «pastoral do pão» (com todos os outros valores fundamentais que o pão simboliza e consubstancia) como verdadeira pastoral. Ela é Mãe. Como poderia ser insensível ou passiva perante as necessidades cruciais dos seus filhos?

E aprendeu do seu Fundador e das «colunas» sobre as quais Ele a firmou, a fundamentalidade desta postura. Jesus andava a falar às multidões sobre o Reino de Deus.

Às multidões que vinham livremente atrás d'Ele atraídas pelas «palavras de vida eterna que só Ele tem». O quê de mais espiritual?! Mas a vida eterna começa aqui e agora e tem suas exigências. Os Doze sentiram-nas na sua carne: — Mestre, suspende por agora a Tua mensagem e manda a multidão procurar o seu alimento e cómodos para o seu repouso, que aqui é lugar deserto e eles podem desfalecer. E Jesus não manda nada à multidão; manda-lhes a eles (à Igreja que neles e por eles vai chegar): — Dai-lhes vós de comer.

E com o Seu mandato e a Sua assistência, eles deram. E sobrou!

O milagre é lição. Dali em diante a natu-

reza deste gesto é transferida da ordem do milagre para a da Providência. Quem parte e reparte o pão por Seu mandado, certo do compromisso d'Ele, multiplica-o sempre e tanto quanto for preciso. E sobra!... para que não reste dúvida de que amanhã será igual. Com Ele, por Ele e n'Ele — nada de extraordinário! A nossa fé pode vacilar como a de Pedro quando andou sobre as águas... e mergulhou. Mas na promessa d'Ele não há vacilação.

Em dois mil anos de vida, a Igreja comprova que é assim, mesmo des-figurada, tantas vezes, pela nossa pouca fé!

Padre Carlos

O nosso Jornal

«Saudações cordiais.

De todos os lados, na Imprensa Eclesial (e não só), levanta-se 'o clamor do Povo de Deus'. Neste Egipto de pecado, os Faraós põem e dispõem, a seu contento; insensíveis às 'pragas' já reinantes, com relevo para a lei do 'vale tudo', em animalesco conluio com o tempo 'de vacas magras'.

Fica a Certeza e a Esperança de que o Senhor do Universo voltará a ter piedade por 'este resto de Israel'. E o levará à 'Terra da Promessa' — que é ainda, afinal, figura da Pátria Verdadeira.

Venho, mais uma vez, declarar que estou convosco e, de forma embora canhestre, manifestar comunhão, nesta hora de aperto.

Com os melhores votos de bem-estar pessoal e coragem na espinhosa missão.

Assinante 42602 (Pároco na Diocese do Porto)

N. da R. — Foram horas de dor, de Fé, de Esperança! O Senhor, porém, reavivou a nossos olhos pecadores as virtudes teológicas. E o PORTE PAGO voltou a caminho d'O GAIATO.

Graças a Deus!

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVA — Ela tem sessenta anos. Recebe trinta e seis contos, por mês, da Segurança Social.

Quando a dita pensão não dá prós rumédios — como ela diz — vem por aí fora para que a gente lhe dê a mão. Desta feita, os medicamentos custaram catorze contos setecentos e sessenta e seis escudos.

— *Às vezes, o estômago pára. Não trabalha. Deus m'ajude! Tenho muitas complicações, doenças dentro de mim...*

Enumera, então, parte delas: — *Úlcera nervosa há mais de trinta anos. Diabetes. Colite. Coluna...*

No falar desta Região, seria normal explicar tudo em pormenor. Repetir, sem conta, os males, as carências — tudo. Mas não. Resume o caso à sua maneira — e muito bem!

Acudimos logo, na hora própria, para se aliviar as «complicações de doenças que tenho dentro de mim» — disse.

VOZ DO PAPA — Dirigida aos governantes:

«*Detive-me a reflectir sobre o sentido e o valor da lei divina, porque é assunto que vos diz directamente respeito. Não é, porventura, a vossa calseira diária elaborar leis justas e fazê-las aceitar e aplicar? Fazeis isso convencidos de prestar um importante serviço ao homem, à sociedade e à própria liberdade... e justamente. De facto, a lei humana, quando é justa, nunca é contra a liberdade, mas ao serviço dela. Tinha-o já dito aquele sábio pagão que sentenciara: Legum servi sumus, ut liberi esse possimus: somos servos das leis para podermos ser livres (Cícero). Mas a liberdade a*

que alude Cícero situa-se principalmente ao nível das relações externas entre cidadãos. Como tal, corre o risco de ficar reduzida a um cômputo equilíbrio dos interesses de cada um, ou mesmo dos egoísmos contrapostos. Mas a liberdade, de que fala a palavra de Deus, afunda as próprias raízes no coração do homem, um coração que Deus pode libertar do egoísmo, tornando-o capaz de se abrir ao amor desinteressado. (...) Amar o próximo como a si mesmo. Estou certo que esta frase encontra eco favorável no mais íntimo de vós. Ela coloca hoje a cada um de vós, por ocasião do vosso Jubileu, uma questão central: Como é possível cumprir este mandamento no vosso delicado e exigente serviço ao Estado e aos cidadãos? A resposta é clara: vivendo o compromisso público como um serviço. Perspectiva gloriosa, mas exigente! Com efeito, não pode reduzir-se a uma genérica afirmação de princípios ou à declaração de boas intenções. O serviço público requer um empenho concreto e diário, que exige uma grande competência no cumprimento do próprio dever e uma moralidade a toda a prova, na gestão magnânima e transparente do poder (...)

PARTILHA — Um cheque, de dez mil, emitido pelo assinante 71035, de Matosinhos.

Carcavelos: Quatro mil, do assinante 42037, «com um abraço de amizade» que retribuimos na mesma proporção.

Vinte e cinco mil, da assinante 28637, de Lisboa, que perora orações «por alma dos pais, Ester e António».

Senhora da Hora: Presente a assinante 57002, com «o pequeno contributo referente aos meses de Maio e Junho para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que esta pequena migalha, dada com muito carinho, possa ajudar uma família necessitada. Peço uma oração por alma de meu marido». Matrimónio para sempre!

Um cheque, de trezentos e quarenta mil, da assinante 71970, da Maia, «contributo para o que necessitem com mais urgência. Assinalem simplesmente a recepção no vosso (nosso) Jornal». Gratos pelo seu bem-haja.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os Iniciados receberam o Sport Clube da Senhora da Hora. Para além do jogo em si, fizeram questão de dar uma volta pelas nossas avenidas para ficarem a conhecer melhor o espaço airoso e saudável que nós habitamos. Ainda os rapazes estavam ocupados com as suas tarefas normais, já os atletas do Senhora da Hora faziam a descompressão, passando para, à hora certa, estarem a almoçar, ficando assim aptos para a tarde desportiva. Com uma pequena diferença. Quando chegasse a hora do almoço, enquanto os jogadores visitantes almoçavam bife com puré, uma bebida mais sobremesa, os nossos atletas não dispensaram uma boa feijoada, uma bebida e a sobremesa. E esta?! hein!!

Mas tudo bem. O que interessa é o convívio uns com os outros e fazer da prática do desporto uma convivência sã. É pena quando assim não acontece. E é de lamentar quem assim não pensa e muito menos actua. O futebol é praticado, quase sempre, à luz do dia, assim deviam ser tratados todos os problemas do mesmo e nunca no escuro e pela calada. Mas uma coisa é certa: a verdade vem sempre ao de cima e o que não é feito com clareza e verdade...

Mas falando um pouco do jogo. Tudo correu bem e até deu para pôr a rodar alguns dos mais novos. Ficou a porta aberta para na próxima época nos voltarmos a encontrar com mais do que uma equipa.

Também recebemos o Clube Desportivo Trofense (muito embora sem estarem equipados a rigor, por razões que nos ultrapassam). Chegaram por volta das 10h00, no dia do Corpo de Deus. Aliás, ainda decorria a procissão, no trajecto habitual. Trouxeram três equipas: A e B que jogaram entre si e uma terceira que disputou com a nossa equipa, a que nós chamamos os Infantis. Era o fecho da época desportiva das suas camadas jovens (*Escolinhas*). Juntamente com estes pequenos-atletas vieram os familiares e amigos. Não eram muitos... Apenas cerca de 120 pessoas. Isto é a prova mais cabal de que, apesar de todos os contratemplos, ainda há quem goste de acompanhar os atletas do futebol juvenil. Uma alegria quando assim é. Foi essa mesma alegria acompanhada de alguma emoção que vimos

espalhada no rosto de um homem que se entrega às camadas jovens e que dá pelo nome de Albertino Ferreira. Depois de uma visita à nossa Aldeia, participaram na Missa do meio-dia que o Padre Carlos celebrou, de propósito, para eles. Logo a seguir, espalhados por diversos sítios, tudo se ocupou com o almoço em jeito de piquenique. A partir das 15h30, começou a tarde desportiva. Não podia ter corrido melhor. No final, foi a confraternização entre todos. Uma verdadeira festa e um dia de boa disposição.

Pelo que aqui se passou, cada vez mais nos encoraja, apesar de encontrarmos sempre «erguiço» pelo caminho (...), para tropeçarmos, evitando, assim, o progresso e o desenvolvimento do futebol juvenil.

Alberto («Resende»)

LAVOURA — Plantámos batatas e começámos a semear o milho. Parece que, se Deus quiser, teremos boas colheitas.

HORTA — Plantámos cebolas, alfaces, e semeámos pimentos, pepinos e tomateiros.

VACARIA — As vacas produzem mais leite, graças à gravidez de três delas, que deram à luz três vitelos.

GENTE NOVA — Vieram, para cá, quatro irmãos: o Daniel, com dois anos e meio; o Francisco, cinco anos; o João, sete; e o Hugo, nove. Gostam de estar connosco e todos colaboram para dar o seu melhor.

VISITANTES — Este ano têm vindo muitos visitantes, mas gostaríamos que viessem ainda mais para nos divertirmos.

MISSA E PROCISSÃO — A Missa de Corpo de Deus foi presidida pelo Padre Júlio e concelebrada pelo Padre Carlos. Teve como acólitos o «Pitinha», António Pedro, Luís Carlos e Licínio. Após a Celebração realizou-se a procissão dentro da nossa Aldeia. Uma celebração bonita!

ESCOLAS — Os alunos do quarto e sexto anos fizeram as suas provas de Aferição. Parece que correram bem. A prova de Língua Portuguesa foi no dia 28 de Maio. No dia 31, foi a vez da Matemática.

Carlos «Pote»

FUTEBOL — No dia 10 de Junho o escalão superior da Casa do Gaiato recebeu o União de Leiria.

Chegaram por volta das 15h30 acompanhados pelo jogador profissional Tó-Zé que já foi da nossa Casa. Depois de uma visita guiada por nossa Casa, dirigentes e técnicos dirigiram-se para os balneários.

O grande desafio começou às 17h00, só que a sorte não sorriu para o nosso lado: perdemos por 1-4. No fim, houve uma merenda convívio. Depois, partiram por volta das 19h30. Agradecemos o tempo que gastaram connosco. Bem hajam. Muito obrigado.

«Bonga»

TOJAL

PRIMEIRA COMUNHÃO

— Os rapazes que ao longo do ano, com a força de vontade de a realizarem, hoje tiveram a oportunidade de a fazerem. Esperamos que cresçam na companhia do Senhor. A partir de hoje passaram a ser convidados da Ceia do Senhor

AGRICULTURA — Este ano bem nos parece que vamos colher muita batata, pois está a desenvolver-se bem. A cebola vai melhorando o seu aspecto e os outros produtos agrícolas lá se vão desenvolvendo, pouco a pouco.

FÉRIAS — As férias já estão de mãos abertas. O pessoal só pensa mesmo na aventura do Verão. O primeiro grupo a partir, é o mais amável porque eles merecem o nosso carinho especial. São os «Batatinhas». Nesta altura do ano, precisamos de alguém que tome conta deles, pois ficam bastante contentes e agradecidos quando recebem um beijo de boa noite. Por isso, se algumas raparigas ou senhoras se sentem disponíveis, por favor não tenham receio. Esperamos por vós de braços abertos. Para uma criança crescer com dignidade, precisa do calor humano e o vosso é importante.

FUTEBOL — A equipa dos mais novos voltou a perder por nove bolas a uma. No segundo jogo ganharam por 6-3 — o que não foi muito mau. No campeonato ficámos em terceiro lugar. A equipa dos mais velhos está sempre em forma, pois voltou a ganhar por 6-4. Foi um grande jogo. Ficámos à espera da outra equipa...

VELHAS — Há dias, quando vinha da Escola, ao entrar no portão olhei para o pomar e lá estava uma ovelha a ter uma cria. Que bonito! Junto dela estava o João («Sarapintado novo») a ajudar a tirar a cria. Ficou contente porque foi a primeira vez que viu uma ovelha a ter uma cria.

Abílio Pequeno

MIRANDA DO CORVO

VIDA CRISTÁ — O 20 de Maio foi um dia muito lindo. Foram baptizados seis rapazes nossos: Mário, Reinaldo, Bruno, Gerson, Francisco e António Joaquim. Estavam muito felizes com os padrinhos. Um dia inesquecível!

Fizeram também a primeira Comunhão: o Hermínio e o Carlos Manuel.

No dia 3 de Junho, trinta rapazes fizeram a Profissão de Fé. Outro dia muito alegre!

FIM DE ANO LECTIVO — A maioria dos rapazes já acabou as aulas, principalmente os de Miranda do Corvo,

do segundo ciclo. Alguns do Lar de Coimbra, ainda têm aulas até ao fim do mês. Quase todos terminaram com boas notas. Mas há alguns que não trabalharam. Por isso, o resultado foi negativo...

PISCINA — Há um mês, começámos a limpar a piscina. Depois, foi a inauguração. O calor aperta e não há melhor consolação que um bom mergulho.

AGRICULTURA — Semeámos o milho. Agora, é regá-lo e vê-lo crescer muito verdinho, depois de bem adubado. Também semeámos feijão que já tem canas e está muito crescido. A cebola está maravilhosa! Há pouco tempo, o nosso Padre João trouxe laranjeiras, tangerineiras e kiwies para renovar o pomar. Já começámos a arrancar a batata grande e bonita para a nossa alimentação.

AVES — Na gaiola temos muitos pássaros novos. Periquitos, *biq-lakes*, pombos, rolas, faisões, etc. Parece uma gaiola do Jardim Zoológico!

CARAS NOVAS — Chegaram, há pouco tempo, três caras novas: «Irá», Bruno e António. Encontram-se bem adaptados e felizes.

FUTEBOL — No dia da homenagem ao nosso Padre Horácio, ganhámos à equipa da Lentisqueira por 5-1. O encontro decorreu muito bem e todos participámos com alegria.

PADRE HORÁCIO — A Câmara Municipal de Miranda do Corvo inaugurou uma rua perto da nossa Casa com o nome do nosso Padre Horácio. Bem merecida porque ele dedicou toda a sua vida aos Gaiatos e aos Pobres.

Um cronista

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Ao fim de alguns anos, depois da minha saída da Casa do Gaiato de Setúbal, volto a escrever para o «Famoso» na condição de associado e membro directivo desta Associação. Pretendo fazer chegar esta mensagem que vou escrever a seguir, à tiragem de 30 Junho, dia da Casa do Gaiato de Setúbal e, também, da nossa Associação.

ENCONTRO — Como vem sendo hábito, a nossa Associação convida os gaiatos oriundos da nossa Casa e os que moram na zona Sul do Tejo a participarem no convívio com os rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, a 1 de Julho. Tragam a família. E a boa disposição. Aqueles que queiram disputar uma partida com os locais, venham preparados com botas... etc.

César Amante

RETALHOS DE VIDA

«Chinês»

O meu nome é Ricardo Antero Rodrigues Pereira. Sou aqui conhecido por «Chinês».

Nasci a 30 de Março de 1986 na freguesia de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia.

No entanto, a partir dos cinco anos fui viver para Mirandela com a minha mãe.

Nunca conheci o meu pai.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 22 de Junho de 1999 porque fazia muitas asneiras e roubava...

Frequento o sexto ano de escolaridade e esforço-me por tirar boas notas.

Nas horas livres sou ajudante de tipógrafo, mas ainda não decidi o meu futuro.

Ricardo Antero



Setúbal

Rescaldo das Festas

DE forma leve mas séria, os rapazes exaltaram no palco os valores humanos e ridicularizaram os encantos do paganismo actual não escapando a ganância, a vergonha política, a corrupção, a vaidade e toda a espécie de cegueira em que o mundo está envolvido.

Como luz de fundo em todo o espectáculo manteve-se a expressão experimentada do Padre Américo: «O segredo das obras divinas é que sejam verdadeiramente humanas».

Elevar a dignidade humana é o melhor culto que podemos prestar a Deus!

Desta certeza nasceu a Obra da Rua.

Dar, por amor d'Ele, a vida na pobreza e na confiança, aos seus filhos mais escorraçados!...

A dignidade do Homem ultrajada na criança, traída nos seus direitos, ou no doente rejeitado, esteve sempre na perspectiva do Evangelho e dos verdadeiros evangelizadores. Não é de agora.

Toda a pedagogia das Casas do Gaiato assenta no caminho que o Filho de Deus trilhou. Ele é que é o Homem Digno. O Homem Perfeito.

O valor do trabalho, da liberdade, da responsabilidade, da verdade e da coerência são pilares únicos onde se baseiam a vida, a partilha e a Esperança!

As leis positivas, feitas em cima do joelho ou plagiadas de códigos estrangeiros, contrárias a estes assentamentos, são rejeitadas por quem quer fazer homens de rapazes sem ninguém. Nem que para tal tenha de sofrer!...

Há certezas que força nenhuma derruba!

Começámos na Quinta do Anjo. Passámos por Cabanas e por Palmela. Fomos a Almada, Azeitão e Sesimbra. Deslocámo-nos, pela primeira vez, a Sines, a convite da Câmara, da qual recebemos muito carinho, viagens, jantar, ceia e quinhentos contos.

Não esteve muita gente. Marcaram presença três gaiatos ali residentes, mais as suas famílias. Terminámos no Luís Todi, em noite de desfile das marchas populares frente ao Fórum.

A casa esteve cheia, apesar do bulfício das fanfaras, da decoração dos trajes e do movimento das danças. O nosso Bispo e alguns Padres comungaram da nossa alegria.

Em todas as localidades a expressão de muito entusiasmo e carinho, a recolha da mensagem mais a generosidade da ceia e das ofertas!...

Os rapazes nunca se repetiram. A criatividade marcou em todos os palcos. Foram sempre diferentes. A assistência vibrou de modo rico e variado. Todos juntos aclamámos o Homem Novo que queremos ser e fazer.

Visitas

TIVE, ontem, várias visitas, mas duas foram muito reconfortantes: a do Pinheiro e a do «Quicas».

Consolaram-me porque a sua vida actual e a sua presença confirmaram que não semeamos em vão.

Fugiram da nossa Casa com catorze ou quinze anos.

Tudo se perdeu! — berrava a nossa alma naquelas alturas. A escuridão das interrogações atira-nos para o deserto! A dor perturba.

Os sentimentos soltam-se em catadupa e encharcam a alma de lágrimas mesmo depois de muitas experiências que não foram desastrosas.

O sofrimento imprime-se na memória e não esquece.

O Luís trouxe a namorada.

Gostei da rapariga. Filha de gente humilde começou aos catorze anos a trabalhar e quem deu os dois mil contos para comprarem a casa, foi ela.

Irão casar no princípio do Outono e querem que eu venha presidir à Celebração.

Depois de uma conversa íntima, fiquei a saber da sua vida, da sua economia e dos seus ideais.

— Aproximem-se da Igreja. Vão à Missa. Oíçam a Palavra de Deus!... Se não, a gente perde-se como os outros!...

Não resisto à inspiração de participar no pagamento da sua casa.

O «Quicas» trouxe a mulher e um filhinho. Que lindo menino!...

A beleza e o brilho do Sol ficam ofuscados perante o fulgor daquela criança!...

Trabalhou para um construtor que lhe ficou a dever seiscentos contos, lhe «partiu as pernas» e... fugiu.

O mundo está cheio disto!

O rapaz não chorava, mas o brilho dos olhos iluminava desgosto e impotência enquanto a barba preta se eriçava.

Sentado na minha frente, no escritório de baixo, desabafava: — Que é que quer? Os homens são assim. Tenho de confiar noutros. Não posso parar.



Cuidar do gado é cuidar de si próprios. A natureza pura do animal reequilibra o homem!

Pela janela vejo os pequenos, felizes, a pedalar em cima das bicicletas em fervoroso despique, na calçada, por entre os citrinos!

Os olhos dele seguem os meus e desfecha: — Foi uma grande burrice ter fugido daqui!... Ai de mim se não fosse o que aqui aprendi.

Anda à procura de um fiador para comprar uma casa... Mas... onde é que está o fiador?

A gente sabe de muitas famílias «encravadas» e quantas casas voltam à posse dos Bancos!

Quantas temos desencravado? — Não têm conta.

Sabemos também como os anúncios enganam as pessoas pouco esclarecidas e as arrastam como as enxurradas às folhas secas.

A gente sabe, mas a impotência tapa-nos a voz. O sistema está assim montado! E quem lucra com isto são os espertos, os poderosos e os ricos. Eles nunca podem perder tudo!

O fiador dá garantia ao Banco. Se o cliente falha, paga o fiador. É o sistema!...

Havia uma letra do carro com que transporta os seus homens! Era já a terceira vez que se venciam!... Ele é patrão. O outro desapareceu cobardemente, mas ele pagou. Ficou depenado, mas os seus homens levaram o salário para casa.

Lições de dignidade que aqui bebeu!...

A gente não resiste!...

Padre Acílio

DOCTRINA



Um colar de pérolas

DOIS garotos de Lisboa, vendedores de gazetas, encontraram um colar de pérolas dentro das portas do Tivoli e meteram-no na sacola dos jornais, inconscientes. No dia seguinte leram e souberam que a jóia valia quatrocentos contos. Parece ter sido de alguém que foi ao cinema, este colar de pérolas. Temos pois, que, nesta hora de tormentos, há gentinha que vai ver estrelas com quatrocentos contos ao pescoço — pandeiros no funeral!

EU não quero bem a Hollywood. Não posso. Desde que comecei a conhecer e a amar o garoto das ruas, tenho presenciado os estragos mortais na alma destes pequeninos, feitos por aquela cidade de papelão. Bom seria que a América fosse só para os americanos...

MAS vamos à nota. Os garotos escaldaram-se na notícia e foram imediatamente dar o seu a seu dono que é a fórmula mais simples e mais moralizadora que o Mundo tem. Nós deveríamos todos estimar e valorizar a espantosa honestidade destes filhos de ninguém, verdadeiras pérolas da rua que também são mistério como as do mar, das quais ainda ninguém disse definitivamente se são doença ou qualidade das ostras.

SENHORA das pérolas, seja uma pérola. Guarde o seu colar, mas dê-me cento e vinte contos para construir mais uma casa dentro da Aldeia dos Rapazes... Ande lá, minha senhora; dê por amor a Portugal. Dentro destas nossas Casas, na vida da nossa Aldeia, nós ensinamos o pequenino do beco a conhecer o mal dos cinemas e a fugir dele quando, mais tarde, for homem. Mal sabe a senhora que o pequenino secretário a quem eu dito todos os números d'O GAIATO, é oriundo dessa cidade onde foi grande amigo dos Tivolis e frequentador de calaboiços. Há mais de um ano que é meu e ainda não passou da primeira letra do difícil alfabeto de esquecer tudo quanto aí aprendeu, mas há-de esquecer e enojar-se. Ande lá minha senhora, por amor a Portugal. Aprenda dos farrapões da rua a lição de generosidade!

D. Américo!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

TRIBUNA DE COIMBRA

Escolha infeliz

O ano lectivo está mesmo no fim. Ficam para trás mil preocupações e sobresaltos, sem fim, de um quotidiano escolar, quantas vezes, sombrio. Ainda por cima e, logo no final do ano, aquela prova de aferição de Português, pavorosa... Mas que remate!

Quem anda diariamente nestas andanças escolares não pode deixar de ficar surpreendido com certos critérios que presidem à selecção de textos como o

da prova de aferição de Português para o sexto ano. Pareceu-nos uma escolha infeliz e negativista. Talvez não possamos, infelizmente, doirar a realidade. Mas o que temos obrigação de fazer é fornecer à inteligência dos miúdos critérios que primem pelo optimismo sadio diante da vida e dos valores. Desgraças, já chegam aquelas que diariamente se confrontam. Submeter, pois, os nossos jovens no final de um ano escolar à ava-

liação dos seus conhecimentos propondo como grelha de interpretação um texto destes, parece-nos de gente que vive alheada da realidade, no mínimo, deseducativo, torturante e nivelando mesmo por baixo.

Que se pretende afinal: avaliar os conhecimentos dos miúdos ou estado da educação? Obviamente que não está em causa a análise sociológica que o texto evidencia, isso sim, a oportunidade lectiva e seu efeito

psicopedagógico, quanto a nós, negativo.

Numa sociedade em que tão fragilizado se encontra o tecido das relações, principalmente ao nível da família, que obviamente se reflecte na Escola, há que ser mais construtivo apontando valores e metas para os alcançar. Inverteríamos assim a marcha da degradação das relações em que cada vez mais parecemos mergulhar. Parece-nos que quem está lá no topo, em vez de se aproximar, se distancia e se afasta. Terá de ser sempre assim? Quanto ao desfecho da história do tal «enfant terrible» é mais uma vez e teimosamente a TV que dita a moral...

Padre João

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Simplicidade

A simplicidade de vida dos Pobres, é algo que sempre nos toca profundamente quando os visitamos.

O Pároco de comunidade vizinha quis que o acompanhássemos numa das visitas, que habitualmente faz, a uma viúva pobre e idosa que vive sozinha.

A sua habitação é uma típica casa de aldeia com paredes em pedra solta, onde as frestas deixam passar o ar frio no Inverno, compensado pelo calor que a lareira vai produzindo com a queima da madeira na confeção das refeições.

Tem por companhia imagens da Mãe de Jesus e de Seu Filho, além da de um ou outro santo de sua devoção particular.

Está muito agarrada ao seu cantinho e certamente por nada o quer trocar. Um vizinho, a quem ajudou quando este era criança, tem dela gratas recordações, e, agora que está acabando a sua casa nova, tem já reservado para esta sua velha amiga um quarto, que deseja por ela venha a ser ocupado.

O Pároco fica enternecido quando a visita. Levou-nos para que víssemos e dêssemos opinião sobre a conveniência em melhorar um pouco a velha casa, de modo a que, no próximo Inverno, a veneranda senhora usufrua de um pouco mais de conforto, já que vai ser muito difícil que abandone a casa onde vive há já longos anos.

É uma situação de grande simplicidade, também no que exige de melhoramentos. Nem seria caso para trazermos à luz, a não ser para fazer dele exemplo para a geração dos nossos dias, para quem o paradigma de vida está tantas vezes do lado oposto ao modo de viver desta velha senhora. É não só na pobreza material que vive mas também humana, encontrando a abundância dos dons necessários à vida nos caminhos da fé que vai trilhando e na prática do bem, livre de todas as cobiças. Embora muito ligada ao seu cantinho, não estabeleceu cidadania definitiva no pequeno mundo que habita.

Nesta partilha de dons e de vida, vamos procurar corresponder naquilo que é mais necessário na casa desta mulher pobre que nos enriquece com o seu exemplo de vida, pois a sua casa é o seu lar.

Padre Júlio

ESTÁ no fim. Não me convenciram muito alguns resultados. Senti facilidades a mais e um empurrar para a frente de alunos que, bem vistas as coisas, deveriam ficar no mesmo ano. Depois de muito os mandar estudar e eles não se interessarem, parece que quem não tem razão sou eu, porque vejo passar quem não merece, não fez esforço para isso e não estudou como devia. No próximo ano vou andar novamente a dizer que é preciso estudar e os meus olhos verão alguns rostos com um sorriso escarminho que me tentará convencer de que também no ano anterior se não estudou e se passou.

Neste contexto, vem também a propósito tentar entender como é que alunos de uma turma que, ao longo do ano tiveram mais de sessenta por cento de faltas de um professor (por doença), se toma a decisão de os passar a todos, independentemente se sabem ou não sabem. Teria sido mais correcto substituir o professor atempadamente. Assim,

ENCONTROS EM LISBOA

O Ano Escolar

para os alunos mais algumas facilidades que se irão revelar funestas no futuro.

Já que estamos a falar de faltas, há dias chamei a atenção a um dos meus miúdos para o número elevado de faltas, ao que me respondeu: «Os professores faltam mais do que eu!» Não agüentei a resposta, mas sei que alguns me dizem da sua insatisfação quando vão para as aulas às 8h30 e regressam às duas, dizendo que só tiveram duas, uma ou três horas de aulas. Tudo isto é justificado; tudo isto se insere em regime de festa... Tudo isto se paga bem caro em termos de aproveitamento, de ritmo de trabalho e de frutos para o futuro.

Fui acompanhando as informações que foram dadas sobre um relatório

relativamente a um inquérito sobre sucesso escolar nas Escolas. Verifiquei o que está evidente: Houve sucesso onde se trabalha, não se falta, quando faltam professores os alunos são enviados para salas de estudo acompanhado, se reduzem os intervalos reduzindo ao mesmo tempo a dispersão, se tem em conta o aluno como pessoa e não como número... É bom que as conclusões não fiquem só no relatório. Podem-se fazer muitas reformas escolares... Nunca se encontrará método de sucesso sem trabalho, sem concentração, sem um mínimo de disciplina e de ritmo... Que todos sejamos capazes de aprender...

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

Registo gratuito

RECEBI mais um menino. Dou a notícia porque é um acontecimento raro na situação em que está a nossa Casa do Gaiato. A lotação passou os limites, há muito tempo; muitos outros aguardam sua vez. Custa-me dizer não. A alegria de ver, em nosso meio, uma criança salva da morte na rua vale todos os sacrifícios que fazemos. Viviu com a mãe em condições miseráveis. Um carro atropelou-a e morreu juntamente com um bebé. Dois irmãozitos já viviam em nossa Casa. O Manuel António está salvo.

Os filhos têm direito a nascer numa família. É um direito da criança desde o primeiro momento da sua concepção. Tal direito é pouco falado e defendido nesta sociedade. As crianças que nascem fora da família não têm conta. Os responsáveis ficam totalmente impunes. Os filhos são lançados à luz do dia de forma tão irresponsável! Fazem-se campanhas e mais campanhas a favor das crianças da rua e não se toca na raiz do mal. Adolescentes,

jovens e adultos têm campo livre para todos os desmandos contra a lei natural e não há lei positiva que chame à responsabilidade os prevaricadores. Pedem que as crianças não sejam ofendidas, mas não se fala nos agressores que estão na raiz do mal.

Estou a lembrar-me da campanha, em boa hora levantada pelo O GAIATO, a propósito dos filhos de «pai incógnito». Deu algum fruto a nível legal. Pelo menos o problema agitou a sociedade de então. Todos os filhos têm pai. Todos os filhos têm direito a conhecer o pai. Todos os pais devem ser responsabilizados legalmente pelos filhos que geram. Os filhos têm direito ao nome do pai e da mãe nos documentos de identificação. Porém, tal não acontece.

Tenho consciência de que este desejo que me consume, encontra obstáculos muito grandes por causa da situação em que o País vive. Mas é oportuno falar deste tema candente. Aumenta assustadoramente, como já tenho referido, o número de crianças que nascem fora da família com um mínimo de estabilidade. Aflige-me o facto de pouco ou nada se falar abertamente neste mal social, apontando-se uma das principais causas. Será uma forma de educar, pouco a pouco, responsabilizando os infractores. Falo para o presente, mas tenho na mira o futuro que deve ser preparado. Oxalá os legisladores estejam atentos.

A campanha do registo gratuito das crianças até aos dezassete anos já começou. É um bem muito grande. Pela experiência feita, entretanto, muitas delas irão ficar como filhas de pais desconhecidos. É uma sombra pesada na vida desses filhos. Se não houver quem os acompanhe e ajude a entender que não é normal esse procedimento, terão a porta aberta para fazerem da mesma maneira. Consciente desse risco, falei ao grupo dos nossos mais velhos, fazendo apelo à sua experiência. A totalidade deles está na Casa do Gaiato porque lhes faltou e falta a família. Que os seus filhos não tenham a mesma sorte, por sua culpa. E disse muito mais, a este respeito. A via do concreto é a mais adequada para um bom entendimento.

Hoje, de manhã, fui chamado a ver uma pequena sala de costura para um grupo de meninas. Prometi ajudar e entusiasmei a Irmã responsável a andar cada vez mais. É um serviço tão necessário como a comida para viver. Tantas meninas, fora da Escola, sem nada para a vida, aonde vão parar? É uma multidão. A formação profissional, de mãos dadas com a formação humana mais completa, é remédio que vai ajudar a estancar a corrente para a vida da rua. É um caminho seguro de autêntica evangelização. Quem dera a Igreja local esteja cada vez mais empenhada no caminho da libertação do povo que lhe está confiado. Quem dera!

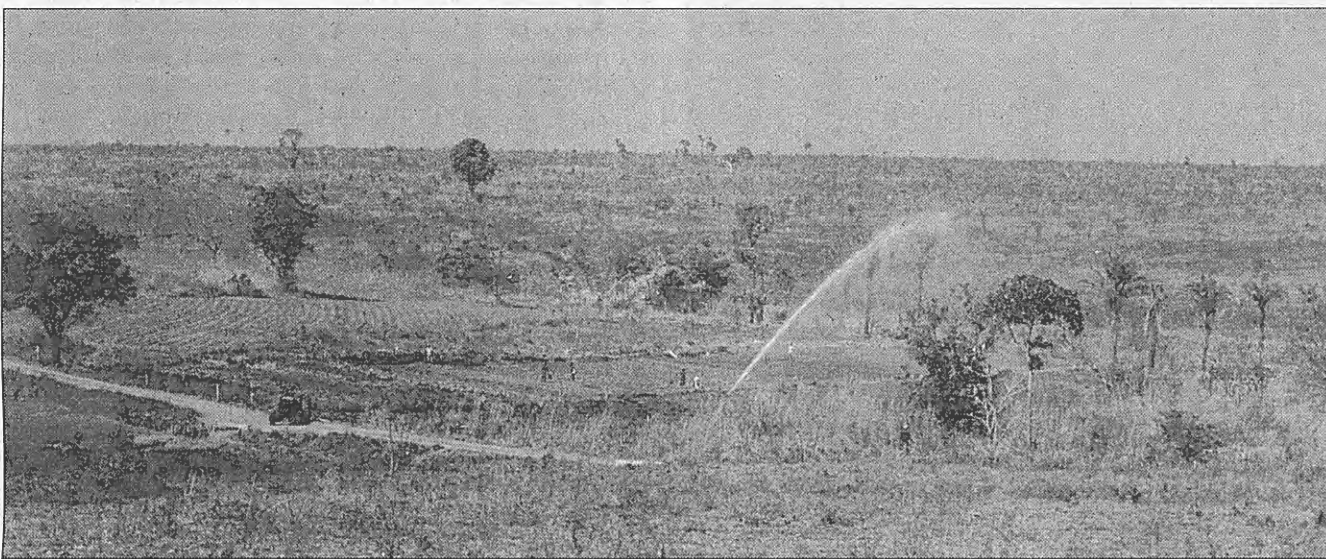
Ele há tanto para fazer na terra de Angola! Vivemos da Esperança. Sabemos que não nos faltará o necessário para o caminho.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

O nosso direito é naturalmente limitado pelos direitos dos mais.

PAI AMÉRICO



Parte da horta, na Casa do Gaiato de Malanje (Angola).

Malanje

Assim vai esta vida

SIM, regressei ontem de férias e já me parece tão longínquo o amarelo torrado das carquejas.

Outra vez esta África que nos seduz e apaixona e, na mesma medida, amargura o nosso coração pelos desequilíbrios e convulsões sociais. Apetece gritar bem alto, por aqueles que mastigam em

silêncio a gritante desigualdade social e o sabor da única refeição diária e pobre... Sinto remorsos e fico amargurado, pois sei que o quilo de milho que damos, torrado nas latinhas, será para a família a refeição da noite. Mais amargurado ainda, pois as nações que ofereceram o barco de milho, venderam, antes, o barco de minas para mutilarem os inocentes!

E assim vai esta vida no mundo de vendas e ofertas..., de morte e de alento!

Semente pequenina

JÁ fiquei em nossa casa de Luanda — Lar dos estudantes — enquanto espero o avião para Malanje. Para já, quartos vazios e colchões no chão... E, somente, dois: um na Informática, outro na Psicologia.

Uma semente pequenina! Desejamos que germine e seja árvore.

Luanda é multidão

A O longo dos passeios, as mesmas vendedoras, pacientes e atentas ao jantar da noite — que será o produto das vendas.

— Chouriço no pão — ela atendeu e sorriu.

Nos cruzamentos e semáforos é a multidão de jovens, que ataca no oferecimento dos artigos.

Um vendia flores. Que não. E fui pensando pela avenida fora nas estevas e giestas floridas das encostas transmontanas.

Padre Telmo